

**Gravação: ep07\_violino\_vimeo\_2.0.mp3**

**Duração: [00:27:19]**

<b>Legenda</b>	<b>Descrição</b>
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marcos Suzano
Orador B	Ricardo Amado
Orador C	Nilton Rola

**Início da Transcrição [00:00:22]**

Orador A: O Som e o Silêncio é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos; do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria, essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico e percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia do violino. Deixa eu ver aqui... Fala, Ricardo....

Orador B: Opa...

Orador A: E aí, beleza? Como é que é?

Orador B: Grande Marcos...

Orador A: Pô, brigado, aí, pela participação, pela presença mais do que ilustre...

Orador B: Poxa, obrigado você.

Orador A: Casa de super violonista... Violinista, super pandeirista.

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo  
 Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000  
 CNPJ: 23.923.180/0001-89  
 contato@transcritoja.com  
 21 3942-6699

Orador B: Que que é isso...

Orador A: Você sabe que meu pai tinha, quando ele veio de Minas pra cá...

Orador B: Sei...

Orador A: Ele dividiu um apartamento com estudantes de violino, sabe?

Orador B: Olha só...

Orador A: Com estudantes iniciantes de violino.

Orador B: Que legal!

Orador A: E ele falou que eles combinaram a hora do estudo porque era uma fase muito difícil, iniciante, né?

Orador B: O violino, a gente toca dois instrumentos.

Orador A: É, você toca o arco e o instrumento, né?

Orador B: Exatamente.

Orador A: Entendi.

Orador B: E o arco sendo realmente um arco que o instrumentista se adapte a ele... Porque mesmo o arco sendo bom, existem várias qualidades de arcos, também. Tem peso, a tensão, às vezes o arco é um pouco mais flexível, às vezes ele é um pouco mais firme. Então, são vários tipos. E, às vezes, um arco combina com um instrumento ou não.

Orador A: É que nem cabaça de berimbau.

Orador B: Isso, exatamente.

Orador A: A cabaça, às vezes, é ótima, o barco é ótimo, mas não combinam.

Orador B: Isso, não combinam.

Orador A: É importante, eu acho, desvendar esses mistérios dos instrumentos porque eu acho que a distância, né? Entre o ouvinte e o instrumento, às vezes, é grande demais, né?

Orador B: É verdade.

Orador A: Ao visitar o Nilton Rola, né?

Orador B: Sim...

Orador A: Que faz a manutenção do violino, ficou claro essa preocupação que o violino seja estimulado a ser tocado seja lá...

Orador B: Tenha vida, né?

Orador A: Desde o iniciante, com instrumentos simples, até a pessoa que tem uma coisa inacreditável nas mãos...

Orador B: É verdade...

Orador A: E é necessário a manutenção porque um instrumento desse... Como é assim a sua manutenção, assim, nele?

Orador B: Olha, o instrumento, quando ele é muito tocado, independente se é o violino, pode ser qualquer instrumento, dificilmente você... Ele cria... Ele vai ter problemas com cupins. Eles já são construídos com madeiras amargas que os cupins já não gostam. Não gostam de comer de jeito nenhum.

Orador A: Entendi.

Orador B: Mas mesmo assim, tocar é muito importante para o instrumento.

Orador A: Para vibrar a madeira, né?

Orador B: Exatamente. Pra vibrar.

[00:04:21]

Orador C: Opa...

Orador A: Bom dia, Nilton.

Orador C: Bom dia.

Orador A: Eu sou o Marcos Suzano.

Orador C: Ah, é...

Orador A: Tudo bem?

[00:04:35]

Orador C: Aqui é tudo pra restaurar.

Orador A: São seus?

Orador C: É da coleção do meu pai.

Orador A: Ah.

Orador C: Herança do meu pai. Então, meu pai deixou isso tudo e eu, se Deus quiser, antes de morrer, eu vou dar conta disso tudo.

Orador A: Ah, claro, com calma, né?

Orador C: É. Vou dar conta disso tudo porque o violino... Eu, particularmente, eu digo que é mais fácil construir uma casa do que fazer um violino.

Orador A: E seria essa a razão de você ser um restaurador? E não... Porque você pode fazer um violino...

Orador C: Eu não gosto.

Orador A: Entendi.

Orador C: Não gosto é uma maneira de falar, né?

Orador A: Entendi, claro, claro.

Orador C: Eu gosto do violino, mas ter aquela satisfação de fazer, não. Eu gosto de restaurar e reparar. Eu abro o violino todo, eu faço tudo.

Orador A: É um clínico geral, né?

Orador C: É.

Orador A: Sempre uma coisinha... E qual é o problema principal que acontece com violino aqui?

Orador C: A cola. Descolagem. O clima, nosso, aqui, é um clima muito, muito...

Orador A: Cruel para esse tipo de instrumento...

Orador C: Exatamente. Porque aqui nós temos calor e umidade.

Orador A: Com que frequência, por exemplo, o Ricardo Amado chegaria aqui com violino...  
“Oh, Nilton, e aí?”

Orador C: O violinista sente...

Orador A: Que tem uma mudança de som.

Orador C: É. Sente porque o violino diz.

(inint) [00:05:45]

Orador C: Se ele está doente, ele diz “olha, eu tô doente”. Entendeu? Porque, no tocar, ele sente. Ele tá acostumado com a sonoridade do violino.

Orador B: Ele fica mais opaco, ele perde o brilho.

Orador A: Sustentação...

Orador B: A sustentação, o reverb dele, que é natural, né?

Orador A: Como é que foi, assim, a sua história com o violino?

Orador B: Na minha casa tinha muita música. Quando eu tinha os meus sete anos, eu já tocava um pouco de cavaquinho. Meu pai convidou para o aniversário de uma irmã um violinista chamado Alírio França e mais outros músicos, pra tocarem uma valsa lá, de quinze anos, aniversário dela. E eu fiquei apaixonado. E, aí, no dia seguinte eu falei “pô, pai, eu tenho que aprender esse instrumento”.

Orador A: Que legal.

Orador B: Fiquei apaixonado e tal. E, aí, ele me deu a maior força. Eu fui seguindo, fui estudando e aprendendo, né? Porque, o violino, a gente aprende todo dia.

Orador A: Todo dia, né? É um desafio, né?

Orador B: Nossa! É um desafio. O mais difícil pra quem vai começar o estudo, começar a tocar, realmente é a posição do instrumento.

Orador A: A posição.

Orador B: Porque, aqui, eu já pensei, eu já amadureci.

Orador A: Amadureceu.

Orador B: Então, ele já tá no ponto... Já de eu tocar. Aí, eu já não sinto tanto.

Orador A: Mas no início...

Orador B: Nossa, no início... Sabe o que que eu faço, às vezes, pra lembrar? Eu ponho o violino do outro lado.

Orador A: Olha que coisa incrível.

Orador B: Eu ponho do outro lado.

Orador A: E você ver como era...

Orador B: Como era difícil...

Orador A: E você toca dos dois lados?

Orador B: Não, não toco. Mas eu ponho só pra eu...

Orador A: Entendi... Pra você entender...

Orador B: Só pra eu lembrar do meu início.

[00:07:36]

Orador C: Lê aí.

Orador A: O violino é um dos objetos mais maravilhosos que a arte humana produziu e um dos mais difíceis de dominar. Deve ser essa dificuldade que contribui para a sua magia. Ele sabe se vingar de quem não aceita tornar-se seu escravo e não se submete a ele sem restrições e com todo o coração. Ele não lhe permitirá ascender ao mundo de suas inúmeras vozes e lhe deixará nas mãos somente uma bonita peça de minuteria hostil e inerte. (inint) [00:08:07] mil novecentos e setenta e três. É impressionante, esse texto.

Orador C: A pessoa tem que entender o violino. Tem que ser (inint) [00:08:15] um escravo do violino. Agora, eu aprendi com meu pai. Que meu pai aprendeu com o grande luthier, esse aqui, (inint) [00:08:24]. Isso aqui, no meu modo de ver, é mais perfeição... Que não existe perfeição na face da terra, mas esse é o violino muito, muito bem feito.

Orador A: Essa curvatura...

Orador C: É tudo dele. Toda a curvatura, todos os violinos têm que ter por causa do... Agora é (inint) [00:08:42] esse aqui... Pra chegar um ponto desse aqui, de feitura, tem que ser um excelente luthier.

Orador A: Luthier. Nilton, eu nunca tinha visto um violino aberto assim, agora eu tô vendo pela primeira vez.

Orador C: Esse aqui, Suzano, é o seguinte. Esse violino veio para uma colagem normal, aqui de borda, tá? Onde ele se descola mais, a parte onde se bota a mão.

Orador A: Aqui...

Orador C: Tá? Mas quando eu fui ver, a contrafaixa, que é isso aqui que é colado na faixa, ela vem colada aqui, assim, por dentro...

Orador A: Entendi.

Orador C: Estava descolado, entendeu? Tanto em cima, quanto embaixo. E, conforme eu fui vendo, mais pra diante estava descolado também. Então, não tem como. Se ele tá fechado, não tem como colar por dentro, porque tem a tampa. Então, conclusão, como eu vi que não tinha jeito, eu abri o violino todo e fui desmontando ele todo. Porque a cola... Aquele caso que eu disse, se o violino está dentro, guardado, muitos anos guardado, ali é calor e umidade, calor e umidade. E chega um dia que a cola vai ressecando. E, quando a cola resseca, quando

tem uma aberturazinha, se você meter a faca, pra sentir até onde vai a colagem, pressão, ela... Quando a cola não está... Está ressecada, ela vai estalando, aí vai estalando e vai abrindo, abrindo. Aí, você tem que abrir o violino todo. E foi o que aconteceu, isso tudo aqui descolou. Está vendo aqui? E eu agora, eu tô montando ele todo.

Orador A: E esse aqui é o...

Orador C: Isso é a barra harmônica.

Orador A: Harmônica.

[00:10:58]

Orador A: Esse seu instrumento, por exemplo, qual é a origem, o nome?

Orador B: Então, esse instrumento foi construído pelo Nilton Camargo, né? E ele foi feito em homenagem a filha do Nilton.

Orador A: Olha...

Orador B: Camargo. (inint) [00:11:14].

Orador A: Bonito, né? E o Nilton era um grande construtor de violinos, estudou, com o Luciano Rola, estudou com Carlos Jorge...

Orador B: Estudou com Carlos Jorge.

Orador A: Depois foi pra Cremona.

Orador B: Exatamente.

Orador A: Interessante, né?

Orador B: Se formou na escola de luthieria de Cremona, depois se estabeleceu em Cremona.

Orador A: Morreu prematuramente.

Orador B: Prematuramente.



Orador C: Nilton Camargo. Ele era uma pessoa maravilhosa, simples. Pena que tenha morrido tão cedo. Esse ia ser, no meu modo de ver, o melhor luthier do Brasil, ele.

Orador A: Ele é de dois mil e sete. Você falou.

Orador B: Dois mil e sete.

Orador A: Ou seja, novo né? Uma criança.

Orador B: Novo, uma criança. Tem muito ainda pra...

Orador A: Uma criança. Porque o violino é meio que nem um jabuti, assim, que vive duzentos anos, trezentos anos.

Orador B: Mais. Por aí. Eu acho que saudável, mesmo, ele vai até os quatrocentos anos. Eu vi um violino que o (inint) [00:12:15], que é um violinista fabuloso, fenomenal, ele toca num (inint) [00:12:20] de mil seiscentos e noventa e nove.

Orador A: Que é isso!

Orador B: É. Primeiro violino que veio com a família (inint) [00:12:26] pro Brasil, ele é de mil oitocentos e cinquenta e quatro. Ele já é mais novo.

Orador A: É um garotinho.

Orador B: Um garoto. Mil oitocentos e cinquenta e quatro.

[00:13:48]

Orador C: Esse violino, aqui, é uma cópia de Maggini.

Orador A: Por causa desse frizo.

Orador C: Dois filetes, né? O Maggini, vamos dizer assim, copiou do Gasparo de Salò. O Gasparo de Salò fazia o mesmo tipo, aqui. Qual é a diferença? A diferença tá aqui. A (inint) [00:14:10] que diz de quem é o violino, entendeu? A cópia, vamos dizer assim, (inint) [00:14:16] cópia, que é, vamos dizer assim, a digital. No caso, é aqui que vai dizer.

[00:14:51]

Orador C: Eu vendo o violino e a pessoa fica satisfeita com o violino, aí é a minha realização. Entendeu? Assim “poxa, o cara ficou satisfeito com o violino”. Isso é bom. A pessoa ter algo que de fato venha a gostar, né? Que vai realizar o futuro dele, né? Que vai alavancar o futuro dele, beleza. Futuramente, ele vai querer outro, não resta dúvida, porque nem todo... Até o Ricardo Amado e qualquer outro violinista aí, estão sempre a procura, tenho certeza, do violino definitivo, que nunca vão encontrar porque não existe o definitivo.

[00:15:36]

Orador A: O Vivaldi, ele foi, talvez, o grande compositor pra violino, você acha?

Orador B: Na realidade, nós enxergamos ele assim, hoje. Mas ele, na época dele, eu diria que ele foi o grande professor.

Orador A: Porque analisando as quatro estações...

Orador B: (inint) [00:15:52] Vivaldi.

Orador A: Pois é, as quatro estações, a empatia é imediata.

Orador B: Sim, sim.

Orador A: Porque é uma melodia simples, né?

Orador B: Isso.

Orador A: Não tem uma coisa que você fique...

Orador B: E ela é descritiva, né?

Orador A: Pois é.

Orador B: Descreve tudo.

Orador A: Os pássaros, o vento...

Orador B: Sensacional.

Orador A: E qual é o compositor mais interessante pra violino, que você acha? Assim...

Orador B: Vixi... São muitos.

Orador A: Muitos, né?

Orador B: Bach, pra mim, é um dos grandes... É o grande mestre.

Orador A: Certo.

Orador B: Pra mim. Eu adoro ouvir Bach, acordar com Bach, dormir ouvindo Bach também.

Orador A: Que bom, olha que interessante.

Orador B: Pra mim, Bach, ele é, assim, muito especial. Eu preciso ouvir Bach.

Orador A: Agora, você toca, assim, muita música popular. A gente já tocou junto um monte de vezes...

Orador B: É.

Orador A: E, como é que... Que que você sente quando você toca uma boa peça de música popular?

Orador B: Nossa, um Tom Jobim, né?

Orador A: É...

Orador B: Ah, é a mesma alegria. É a mesma sensação.

Orador A: É legal, né?

Orador B: Ainda mais que são músicos, assim, que levaram em consideração todos esses mestres, que a gente tá mencionando aqui.

Orador A: Exatamente, tá fazendo uma filtragem...

Orador B: O Tom Jobim gostava de falar que a música dele tá impregnada de Villa-Lobos e se está impregnada de Villa-Lobos. E se tá impregnado de Villa-Lobos, então tá impregnada

de todos os outros, porque só da obra de Villa-Lobos, ele dedicou as Bachianas, que são nada mais, nada menos que a lembrança de Bach.

Orador A: Você falou em Villa-Lobos... A gente pensa assim, que a música nordestina, por exemplo, a gente tem um elemento muito forte...

Orador B: Muito.

Orador A: Que é o elemento da rabeca, né?

Orador B: Muito. Muito.

Orador A: E é interessante... Você tem uma rabeca, por exemplo?

Orador B: Não tenho, mas, às vezes, eu simulo uma rabeca, né?

Orador A: Ah, tá...

[00:17:38]

Orador B: E, aí, vai brincando, né?

Orador A: Fica essa nota pedal, né?

Orador B: Isso. Exatamente.

Orador A: Por quê? Por que a rabeca é tão tosqueira, assim, as cordas não são muito alinhadas e acaba sobrando...

Orador B: Exatamente. O arco, em geral, é um arco muito curtinho, né? E é em formato de arco mesmo, arco e flecha mesmo. Como eram os arcos antigamente. Quando você toca com aquele arco, quando ele é curvado, em geral você consegue tocar mais cordas juntas, né?

Orador A: Aí, você tá tocando três.

Orador B: Aqui eu tô tocando três. Com o arco, quando é muito curvado...

Orador A: Você consegue meter as quatro e pá!

Orador B: Eu consigo. Exatamente.

Orador A: Interessante.

Orador B: Então, ele vai tá sempre uma sensação de pedal. Um pedal harmônico.

Orador C: Eu tenho uma rabeca, aqui... Essa é uma rabeca. Tá cheio de poeira, mas essa é uma rabeca. Uma rabeca feita por quem sabe, tá entendendo? Feita por quem tem conhecimento do que é rabeca. Isto é uma rabeca.

Orador A: A rabeca e o violino passaram a ter uma posição na nossa música popular que... O violino aparecia em função da rabeca, né?

Orador B: Foi.

Orador A: Eu acho que é isso aqui que é um troço interessante. A gente tem um monte de violinistas jovens tocando forró super bem...

Orador B: Muito bem.

Orador A: Muito bem.

Orador B: É verdade. Eu acho que é isso, a questão da quebra desses paradigmas, né?

Orador C: Todos esses clientes que vem aqui, alunos e tudo, eu ensino eles a mexer na parte externa, a mexer no violino todo.

Orador A: Que ótimo.

Orador C: Ensino porque eu acho que quem toca, tem que conhecer o que que ele tem na mão. O meu pai era assim, também. E eu sigo o caminho do meu pai. Poder ensinar não custa nada, entendeu?

Orador A: Claro.

Orador B: O meu pai foi uma pessoa muito inteligente. Eu, às vezes, eu perguntava a ele “Pai, o porquê que o senhor tá fazendo isso?” E ele... Uma coisa muito interessante que ele me dizia “Não pergunta, olha”. É a sabedoria do meu pai. O porquê, depois eu vim entender, por que ele dizia “não pergunta, olha”? Porque quando você pergunta, você obtém a resposta.

E, aquilo, você obtendo a resposta, acabou, você fica satisfeito. Amanhã, se perguntar, escuta... aí, diz “Pô, cara, ele me explicou, mas e agora que eu não me lembro mais?”. Agora, quando você diz “olha”, você tem a obrigação de, sabe... Os mínimos detalhes, você gravar. Gravar.

Orador A: Aprende.

Orador C: Não, eu gosto disso. Se eu não gostasse, eu não tava aqui, não.

[00:20:31]

Orador A: Ricardo, eu já te vi tocando pandeiro. E você toca um pandeiro da melhor qualidade. Como é a coisa... Também foi na sua infância?

Orador B: Foi na minha infância, e, aí, eu era apaixonado, assim, pelo pandeiro também. Eu lembro que eu chegava da escola, já pegava o pandeiro, já treinava ali umas duas horas.

Orador A: E o que você tocava? Mostra, aí, pra gente... Como é que você tocava? Você gostava de tocar, vá lá...

Orador B: Bom, o ritmo básico de samba. Da Carmen Miranda, né? Treinava muito. Bando da Lua.

Orador A: Bando da Lua.

Orador C: Conheço o Ricardo há muitos anos. Toca muito, muito bem, um grande violinista, tá entendendo?

Orador A: Grande pandeirista.

Orador C: Como é que é?

Orador A: Grande pandeirista, também.

Orador C: É? Ele toca pandeiro?

Orador A: Toca pandeiro demais, tem uma batida maravilhosa.

Orador C: É? Dessa eu não sabia, não. Pô, essa é uma novidade pra mim.

[00:22:25]

Orador B: Ah...

Orador A: O que que é isso!

Orador B: Que delícia!

Orador A: Você é um mestre! A gente tocou violino, né? Você tocou violino com pandeiro, pandeiro com pandeiro. Agora, você vai trazer os seus amigos do Quarteto Atlas.

Orador B: Isso.

Orador A: Qual é a formação?

Orador B: Formação são dois violinos, uma viola e um violoncelo.

Orador A: Maravilha. Parabéns. Mais uma vez, obrigado.

Orador B: Obrigado.

Orador A: Muito obrigado.

Orador B: Você é grande.

[00:26:32]

Orador A: Eu lembro dum... Dum cala a boca, né?

Orador B: A gente tem que ter. Aí, entra o Nilton Rola.

Orador A: Ele falou uma coisa interessantíssima de deixar o violino com o case aberto.

Orador B: Case aberto. Mas depende.

Orador A: Depende, né?

Orador B: Num lugar como, aqui, o Rio.

Orador A: O Rio, né?

Orador B: É. Uma umidade boa...

Orador A: Isso...

Orador B: Agora, em Brasília, por exemplo...

Orador A: Não dá, né?

Orador B: É, ele descola.

Orador A: Entendi.

Orador B: Você chega lá, tem vários pedaços.

Orador A: É mesmo?

Orador A: É.

**Fim da Transcrição [00:27:02]**